

PERFIL

MOÇAMBIQUE

Ivone Soares Candidata “agregadora” irá além do *slogan*?

Ex-líder parlamentar e sobrinha de Dhlakama pode ganhar a Renamo, mas precisa de mostrar propostas

Eram duas mãos-cheias de candidatos à liderança da Resistência Nacional Moçambicana (Renamo). Com 44 anos, Ivone Soares destacou-se no sétimo congresso do maior partido da oposição de Moçambique, quarta e quinta-feira em Alto Molócuê, na província da Zambézia. Não só por ser a única mulher candidata, mas também por contar mais de três décadas de militância política. Além disso, é sobrinha do líder histórico Afonso Dhlakama, que morreu em 2018.

Segundo analistas, é Soares quem retine maiores capacidades para agregar a Renamo. Tem um longo percurso: liderou a juventude do partido, integrou a comissão política 12 anos e foi líder da bancada parlamentar. Formada em Ciências da Comunicação, trabalhou como jornalista e foi colunista em jornais e rádios. “Enquanto líder parlamentar, percebi a importância do diálogo. Fui peça-chave no diá-

logo e no acordo entre Dhlakama e o [então] Presidente Armando Guebuza em 2014. Sei que em política temos de contar com todos”, afirma, em entrevista ao Expresso.

“Herdeira natural”

Muitas vezes referida como a “herdeira natural de Dhlakama”, não esconde essa ligação familiar — bem pelo contrário —, mas coloca-a em perspetiva: “Que sou sobrinha de Afonso Dhlakama todo o mundo sabe. Da mesma forma que é sabido que a família é muito vasta. O meu tio tinha dezenas de sobrinhos. Tive-o como líder e guia. Aprendi com ele a fazer política. E as pessoas também sabem que sou Ivone Soares, não sou Afonso Dhlakama. Aliás, Moçambique não terá outro Dhlakama, mas deixou bons seguidores. E eu sou uma delas”.

Já fala como presidencialável quando aponta a mira à Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), partido no poder desde a independência do país. E não poupa nas críticas a Filipe Nyusi, em final de mandato e cuja presidência descre-



FOTO: ANTONIO SILVA/LUSA

ve como “desastrosa”. Afirma representar “os anseios dos moçambicanos escravizados pela Frelimo desde 1975”, os funcionários públicos “aldrabados pela Frelimo”, os jovens sem emprego, habitação e apoios ou as “vítimas do terrorismo de Cabo Delgado, que a Frelimo nada faz para estancar”.

Questionada sobre os desafios do próximo chefe de Estado de Moçambique, enumera “a pobreza promovida pelos sucessivos governos da Frelimo, os raptos e a criminalidade generalizada, o terrorismo de Cabo Delgado”. Como

solução aponta a saída da Frelimo do poder, que, garante, “vai resolver mais de metade dos problemas dos moçambicanos”. Se for eleita líder da Renamo, deverá ser candidata do partido às presidenciais de outubro, como é tradição, e terá pela frente Daniel Chapo, o candidato da Frelimo.



LEIA UMA ENTREVISTA À MOÇAMBIQUESA IVONE SOARES, A ÚNICA MULHER CANDIDATA À LIDERANÇA DA RENAMO, EM EXPRESSO.PT

Teresa Almeida Cravo, professora de Relações Internacionais na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e investigadora do Centro de Estudos Sociais (CES), considera que “uma mulher a liderar a Renamo, o maior partido da oposição, seria uma mudança substancial”.

“Mudança geracional”

Além disso, Ivone Soares “representa a mudança geracional e tem-no assumido estrategicamente nos seus discursos”, declara a docente ao Expresso. “Do ponto de vista programático, é menos claro”, acrescenta, explicando: “Há já algumas décadas que a Frelimo deixou de ser um partido com uma agenda socialista, orientada para o papel público do Estado”, enquanto “a Renamo sempre assumiu essa preferência em relação aos mercados e ao sector privado”.

“É preciso ver as propostas dos programas eleitorais — ainda é muito *slogan* —, mas duvido que haja uma redistribuição radical dos rendimentos na sociedade, que seria o que faria a diferença para as e os moçambicanos. Além disso, as mudanças estruturais, independentemente do Governo eleito, vão depender da exploração dos recursos e da ligação com atores externos”, acautela a académica.

Nos últimos tempos, marcados por turbulência no partido, Soares optou pelo silêncio. Esteve à espera do momento certo para avançar? “Mantive-me no silêncio porque nada me aprazia dizer. Aprendi com o meu grande mestre Afonso Dhlakama que em política só se deve falar quando é preciso falar. Sigo esse exemplo. Não falo à toa.”

HÉLDER GOMES

hgomes@expresso.impresa.pt